

Vigília de Pentecostes – Campo Grande, 3 de junho de 2017
Mosteiro de Nossa senhora Aparecida
Bênção Abacial de Madre Elizabeth Alves Ferreira OCist

Leituras: Ezequiel 37,1-4; Romanos 8,22-27 e João 7,37-39

A cena descrita por Ezequiel na primeira leitura, mesmo se um tanto macabra, descreve bem a afetiva novidade e força do mistério pascal que se completa em Pentecostes, com o dom do Espírito Santo. O mundo tem necessidade do dom do Espírito como os ossos ressecados que enchem o vale da visão de Ezequiel. Mas se Deus descreve assim o povo de Israel, não é para alimentar seu pessimismo, mas para salvá-lo de seu desespero: “Filho do homem, estes ossos são a casa de Israel. Eles andam dizendo: ‘Nossos ossos estão ressecados, nossa esperança desvaneceu, estamos perdidos.’” (Ez 37,11)

O desespero é um olhar sobre a realidade que só enxerga nesta a falência das esperanças humanas. A planície cheia de ossos dispersos e ressecados é a humanidade quando só espera em si mesma, nas suas próprias forças, na sua própria vontade. Toda a História demonstra, e hoje mais do que nunca, que o homem que crê dar-se a própria vida, termina sempre por gerar a morte, a divisão e o desespero.

Mas é exatamente diante desta situação que Deus anuncia e mostra ao profeta uma grande novidade. A grande novidade é que para Deus tudo é possível, que Deus pode e quer sempre dar a vida, até ao que está morto irremediavelmente. Os ossos ressecados são o sinal de que a morte chegou ao extremo de sua obra de destruição da vida, que a morte conseguiu transformar um ser vivente em um pedaço de madeira seca, em um mineral, em um fóssil. Contudo, a força vivificadora de Deus é mais forte que tudo isso, porque Deus não é só aquele que pode *reanimar* a vida, mas também aquele que a *cria*, que a *dá*. Por isso Deus apela à esperança, apelando à fé. Quem crê que Deus pode recriar a vida, quem crê na ressurreição, pode sempre esperar ser libertado da morte extrema e do desespero que esta gera em nós. A esperança é possível se renunciarmos a pedir a vida a nós mesmos e passamos a esperá-la de Deus.

Deus quer então que sejamos pessoas que anunciam ao povo sem esperança que a vida é possível porque Ele arde de desejo de dar-lha. O “povo” pode ser um irmão ou uma irmã em provação ou uma comunidade frágil, precária, humanamente sem esperança, sem futuro, como a maior parte das comunidades monásticas hoje; ou então toda a humanidade que se sente abandonada à morte pela avidez sem escrúpulos dos poderosos.

Este anúncio é uma profecia pascal: “Profetiza e anuncia a eles: ‘Assim diz o Senhor: Eis que abrirei vossos sepulcros vos farei sair de vossos túmulos, ó meu povo (...). Farei entrar em vós o meu Espírito e revivereis.’” (Ez 37,12-14).

Só depois da morte e ressurreição de Cristo e da sua ascensão à direita do Pai é que se pode ser verdadeiramente profeta, porque só então é possível anunciar como um acontecimento presente a ressurreição do pecado e da morte. A profecia não é um poder mágico e não consiste no anúncio de conhecimentos exotéricos. A profecia

coincide com a fé que espera e anuncia o impossível que só Deus pode e quer realizar para nós. A profecia crê e espera em Deus e Lhe pede a vida para o povo, a ressurreição do povo da morte.

Tudo que nos dá e nos pede o mistério de Pentecostes é resumido no que o Credo nos faz afirmar do Espírito Santo: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, foi Ele que falou pelos profetas”.

O Espírito é Senhor e dá a vida: é o Deus onipotente que tem o poder de ressuscitar dos mortos, dar a vida aos ossos ressecados. E a vida que o Espírito quer comunicar é a vida de Cristo, a vida do Filho de Deus, como no-lo recorda são Paulo na segunda leitura: “Também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente esperando a adoção filial” (Rm 8,23). É esta onipotência vivificante do Espírito que anima o anúncio dos profetas, antigos e novos.

Esta leitura do profeta Ezequiel é então particularmente adaptada à liturgia da Bênção de uma nova Abadessa. Para são Bento, na verdade, o abade do mosteiro tem, de fato, o carisma e a missão profética descritos nesta cena. Pois o fim da vocação monástica é o de reavivar e levar ao pleno cumprimento a vida pascal que nos foi dada no Batismo e é alimentada e renovada por todos os sacramentos. A vida pascal é a vida filial, a vida de filhos e filhas em Cristo, que o Espírito nos comunica em virtude da morte e ressurreição do Senhor.

Quem, como Madre Elizabeth, é escolhido para guiar uma comunidade é, como o profeta Ezequiel, levado pela mão do Senhor para estar diante do desejo de vida eterna de suas irmãs ou de seus irmãos. O Senhor lhes pergunta: “Poderão estes ossos reviver? Poderá esta comunidade, estas monjas, estes monges ou as pessoas que frequentam o mosteiro e toda a Igreja e a humanidade pela qual o mosteiro reza, poderão viver de uma vida que vence a morte, o pecado, a divisão?”

O abade ou a abadessa, como Ezequiel, sabe muito bem que a esta pergunta não pode responder com uma segurança que vem das próprias capacidades. “Senhor Deus, tu o sabes” (Ez 37,3). É um pouco como a resposta de Pedro à beira do mar: “Senhor, tu sabes que te amo”. E então Jesus pode dizer-lhe: “Apascenta minhas ovelhas!” (cf. Jo 21,15-19). Como é importante, em todo ministério eclesial, confiar sempre ao Senhor a tarefa que Ele mesmo nos confia, pedir a Ele aquilo que Ele nos pede! Não devemos nunca pretender conhecer a resposta e a solução de todos os problemas que encontramos, porque a realidade das pessoas, a realidade dos corações e da liberdade de cada um é sempre um mistério que nos escapa. Por isso devemos afrontar tudo, pondo nossa confiança no Senhor que conhece tudo, a profundidade de cada coração, o mistério de cada liberdade e o destino de cada pessoa.

Então, o Senhor nos acompanha na nossa missão, ou melhor: torna-nos instrumentos de sua obra, de seu amor em favor da plenitude de vida de quem nos é confiado. Torna-nos profetas. O profeta é o humilde instrumento da Palavra de Deus que cria a vida por meio do Espírito Santo: “Profetiza sobre esses ossos e anuncia-lhes: ‘Ossos ressecados, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a esses ossos: Eis que faço entrar em vós o espírito e revivereis’.” (Ez 37,4-5)

Não teria pensado talvez nisso são Bento quando pede que “o abade não deve ensinar, estabelecer ou ordenar nada que seja estranho ao mandamento do Senhor, mas suas disposições e seus ensinamentos devem espalhar-se na mente de seus discípulos como um fermento de justiça divina” (RB 2,4-5)?

O abade, para saber governar, é, pois, chamado antes de tudo a obedecer, a obedecer ao Espírito, a obedecer à Palavra do Senhor, a Cristo Verbo do Pai. Desta obediência depende a força profética de seu ministério e, portanto, a vida de sua comunidade e de cada membro que a compõe. Nenhuma aridez, nenhuma infidelidade poderão ser mais fortes que a potência do Espírito, se aceitamos fazer-nos seus profetas, humildes e obedientes instrumentos da sua palavra e da sua ação, isto é, da sua caridade. O profeta da cena descrita por Ezequiel obedece a cada passo. Não pretende que de um só golpe os ossos ressecados tornem-se “um exército interminável” de ressurgidos, mas acompanha com docilidade e paciência as etapas e os tempos do misterioso trabalho do Espírito na liberdade do coração de cada irmão ou irmã. O abade, a abadessa, guia seu rebanho escutando cada dia “o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7). Escuta com fé, reza com esperança, obedece e age na caridade do Espírito Santo. Sabe que poderá dar fruto na sua comunidade e que a comunidade dará fruto para a Igreja e no mundo, somente permanecendo no amor do Cristo, verdadeira videira (cf. Jo 15,1-17). E o amor de Cristo é o Espírito Santo que o une eternamente ao Pai.

Jesus, no Evangelho desta missa, põe-se de pé e grita este mistério, Seu mistério que se torna o nosso: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba quem crê em mim. Como diz a escritura: De seu peito brotarão rios de água viva”. João acrescenta: “Disse isto do Espírito que haveriam de receber os que cressem nele” (Jo 7,37-39).

A fé em Cristo nos faz mendigar, como sedentos no deserto, a fonte de seu Coração, da qual brote, como rios de água viva, o dom do Espírito Santo. O Cenáculo onde podemos sempre reunir-nos com a Virgem Maria é o Coração de Cristo, aberto sobre a Cruz para nós, para dar-nos a vida.

O Espírito é sempre água viva: quando o bebemos no Coração de Cristo e quando está em nós. Quem se dessedenta na água viva do Espírito, torna-se, por sua vez, fonte. Seu coração torna-se como o Coração de Cristo, um só coração com Ele, no sentir-se amado pelo Pai como Filho predileto e no amar os irmãos e irmãs como Deus os ama. A caridade, como o recorda são Paulo, escrevendo aos Coríntios, é o dom melhor, é o carisma fundamental, para todo cristão e sobretudo para cada pessoa chamada a guiar uma comunidade (cf. 1Cor 12,31-13,13). É a caridade que nos torna, então, verdadeiramente profetas de vida nova, profetas da ressurreição para nossa comunidade e para o mundo inteiro.

Hoje, com esta Bênção Abacial, cara Madre Elizabeth da Trindade, é este dom que invocamos para a Sra. e sua comunidade, é este dom que aurimos do seio misericordioso do Senhor ressuscitado, do Bom Pastor presente em nosso meio.

*Fr. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*